

ACESSO ÀS REDES SOCIAIS POR ALUNOS NA ESCOLA: *ON OR OFF?*

RESUMO

Fausta Porto Couto¹
Jorge Adilson Gondim Pereira²
Sebastião Carlos dos Santos Carvalho³

O acesso às redes sociais por alunos em escolas de educação básica tem se constituído em uma grande polêmica por razões diversas e antagônicas. Por um lado, presume-se que o uso desse recurso comunicativo pode ameaçar o aprendizado dos alunos em virtude da dispersão do foco curricular sendo, portanto, negado o seu uso no interior da escola. Em direção oposta, existem evidências científicas de que o seu uso pode promover a interação e acesso fácil ao conhecimento, devendo, em virtude disso, ser estimulado o acesso às redes sociais no ambiente escolar. Tendo em vista o impasse, esse estudo busca refletir, a partir da literatura pertinente e da experiência dos autores no campo da gestão e da docência na Educação Básica, sobre os limites e as possibilidades do uso deste recurso, bem como, os seus sentidos e significados para a comunidade escolar. Espera-se com o estudo ampliar a visão de educadores, gestores e alunos sobre a importância das redes sociais enquanto suporte de aprendizado, além de refletir sobre a estrutura tecnológica das escolas a fim de possibilitar a fluência desta prática.

Palavras Chaves: Conflito. Escola. Redes Sociais. Socialização.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a escola e seus conflitos na contemporaneidade exige reconhecer que essa estrutura social, gestada a partir do pensamento moderno e, portanto, erigida sobre os moldes da racionalidade e da produtividade, apresenta uma forma de configuração mais ou menos estável, mas, que, historicamente, vêm se transformando a partir dos novos modelos e configurações sociais.

Para o estudo que propomos, faz-se importante analisar as mudanças sociais ocorridas ao final do século XX e a primeira e segunda década do século XXI. Essas transformações societárias têm largo espectro envolvendo dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais. Importa-nos também saber como o conhecimento se estrutura e se difunde na atual sociedade uma vez que, a escola e os educadores, se ocupando desta função, precisam compreender e integrar-se às mudanças dos novos tempos.

¹ Coordenadora Pedagógica C.E.G.L.V.F-Guanambi- SEC-BA; Professora Assistente –DEDC XII -UNEB-BA; Doutoranda FAE-UFMG;

² Professor de Educação Física – IEAT- Caetité -SEC-BA; Professor Assistente DEDC XII-UNEB-BA; Doutorando- FAE/UFMG.

³ Professor de Educação Física –CEEP- Guanambi-SEC-BA; Professor Auxiliar DEDC XII- UNEB-BA; Doutorando-FAE/UFMG.

Nesse sentido, Lyotard (2009) trabalha com o conceito-chave de “pós-modernidade” ao propor uma análise das condições do saber, apontando a sua natureza conectada ao núcleo de uma mudança tanto cultural como histórica. O autor, trabalha com a hipótese de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-moderna. Na mesma linha, Bauman (2001) refere-se a uma “modernidade líquida”, período da história em que os preceitos duros, sólidos e sedimentados da modernidade derreteram-se. Desta forma, diferentemente dos projetos da modernidade, que tinham no futuro a promessa de sua realização e exigiam dos indivíduos uma participação ativa ou uma subordinação quieta, a pós-modernidade e agora, a hipermodernidade, completam um movimento de compressão espaço-temporal. O que se opera é a diminuição dos espaços e a vigência do aqui-agora, mas não um aqui-agora que elimina a preocupação com o futuro imediato. Um aqui-agora reflexivo.

A legitimação das práticas na sociedade hipermoderna é a eficiência, que não precisa de justificativa político-ideológica. Talvez aqui seja possível estabelecer uma relação entre a eficiência enquanto legitimidade hipermoderna e a noção de sociedade pós-política, puramente administrativa, sem grandes projetos sociais, sem a tomada de posição política clara e radical.

Fredric Jameson (2001) em uma autocrítica destaca, porém, que ao contrário do que ele e outras pessoas avaliaram, a pós-modernidade não pode ser vista como o fim da era moderna. Complementa que é preciso registrar o retorno na pós-modernidade de uma série de coisas antigas das quais pensávamos ter-nos livrado definitivamente. Vejam por exemplo, o caso de uma jovem que teve o seu casamento acertado pela internet. Não houve contato físico até o dia do noivado. O noivo se encarregou de preparar tudo e ela, a noiva, teve apenas o trabalho de cumprir a antiga tradição de entrar vestida de branco na igreja e dizer o sim, diante do padre, no altar⁴. Esse retorno é encarado por Lipovetsky (2004) como a exacerbação de alguns princípios modernos, e que a sociedade contemporânea é a experimentação das ideias da modernidade em seu grau mais avançado. Em “A era do vazio”, Lipovetsky chama a atenção para a fragmentação da sociedade e seus costumes, o consumo, o hedonismo, o individualismo traços marcantes do que convencionou chamar de hipermodernidade. Alguns tabus antigos, a exemplo da virgindade feminina, nos últimos anos têm ocupado as páginas de *blogs*, *sites* de notícias e jornais impressos. O que tem acontecido, por exemplo, é que algumas jovens têm colocado em leilão a sua condição de virgem. Esse gesto, atrai homens do mundo todo,

⁴ <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2017/08/30.html>.

que oferecem fortunas em troca da possibilidade de romper o hímen de ninfetas, sem nenhum contato afetivo anterior⁵.

É precisamente neste paradigma social que destacamos o avanço frenético das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e, mais recentemente, as redes sociais que determinam um novo modo de relacionamento entre as pessoas. Convivemos num mundo real e virtual, dividindo o nosso tempo em duas dimensões, ora “on”, ora “off”.

A escola insere-se nessa sociedade de constantes transformações e efemeridades e é, cotidianamente, convocada a dar “respostas”. Como produzir uma prática educacional pautada em conceitos e regras tradicionais quando, em seu exterior, as coisas já não funcionam nessa mesma ordem? Partindo desse dilema, daremos destaque a um conflito que tem “perturbado” o sono de muitos professores e gestores e causado insatisfação e limitação a muitos estudantes. Referimo-nos ao uso das redes sociais por alunos nas escolas da educação básica.

Esse conflito tem se tornado cada vez mais comum nas escolas em virtude da democratização e popularização da internet e uso de smartphones pelos brasileiros. O acesso aos conteúdos e aplicativos pelas pessoas, especialmente entre os jovens, tornou-se uma prática usual, sendo as redes sociais, como *facebook*, *whatsapp*, *instagram* e outras, os espaços virtuais mais procurados e acessados. Entretanto, aquilo que é facilmente utilizado fora da escola, abrindo possibilidades de novas práticas sociais de comunicação e interação entre os jovens, instituindo-se o que Levy (1999) chamou de cibercultura, hoje, tem sido negada aos alunos, inaugurando um exponencial conflito ao qual pouco se fala ou pouco se discute. A negação destas possibilidades na ambiência escolar está condicionada a uma série de fatores entre os quais se destacam os aspectos estruturais e disciplinares próprios da cultura escolar, já marcada por outra série de tensões.

Sobre o primeiro aspecto, observamos que, em geral, as escolas não dispõem de uma estrutura capaz de proporcionar o uso da *internet*, sobretudo, em terminais móveis como os *smartphones*, equipamentos bastante populares entre os alunos. Por outro lado, as políticas públicas que preveem a instalação de terminais fixos em laboratórios de informática, não tem sido suficientes para atender a demanda escolar, além de tornarem-se obsoletos em pouco tempo de uso e/ou inutilizados por falta de manutenção. A conexão por meio de sinal *wi-fi* também é rara, e quando existente, apresenta-se em baixa velocidade para o número elevado de alunos. Com relação ao aspecto disciplinar, principal variável interveniente nessa questão, destacamos o posicionamento de professores e

⁵ <http://br.blastingnews.com/curiosidades/2017/02/4-garotas-que-leiloaram-a-virgindade-na-internet-001501485.html>

gestores, que em sua maioria, resistem à liberação (e não liberam) ao acesso às redes sociais, temendo que isto prejudique o aprendizado dos alunos

Por outro lado, os alunos reagem em tom de “insubordinação” contrariando as regras escolares no tocante ao assunto. Aproveitando que o sinal da *internet* via telefone ultrapassa os muros escolares e, ao contrário dos presídios, não existem leis que impeçam isso, os estudantes têm realizado o acesso às redes sociais quando se utilizam de artimanhas e bricolagens como diz Martuccelli (2007), para criar formas de utilizar, integrar e compartilhar o uso da *internet*, viabilizando o acesso às redes sociais durante as aulas, em “negociações” que fazem para alimentar esta política. Um exemplo, bastante comum tem acontecido nas escolas quando alguns alunos recolhem uma taxa em dinheiro de seus colegas e transforma o seu *smartphone* em um roteador, possibilitando que os seus “sócios” tenham livre acesso ao mundo virtual. Faz isso “ilicitamente” rompendo com regras estabelecidas, tensionando um conflito ao qual educadores, família, e a sociedade em geral, precisam refletir e responder: Como se deve lidar com o (s) uso (s) das redes sociais por alunos nas escolas?

Do ponto de vista acadêmico é possível identificar inúmeros trabalhos a respeito desta temática, entre os quais, relacionamos Neri (2015); Sabóia et al (2013); Araújo *et al* (2015); Oliveira (2014) que discutem o uso das redes sociais nas escolas, tentando elucidar a sua efetividade no processo pedagógico. Sem desprezar a importância dessas contribuições teóricas, este artigo busca analisar o uso das redes sociais no espaço escolar, porém, a partir do conflito estabelecido pelos alunos, quando reivindicam e criam estratégias de integração, no sentido de afirmarem essa prática no interior da escola. Nosso desafio é analisar por que o uso das redes sociais se constituiu em uma prática proibida na escola e por que ameaça tanto o trabalho dos professores, quando é tão comum e necessária às pessoas fora dela.

A mediação deste conflito se faz necessária uma vez que as recentes pesquisas sobre as TICs - têm respaldado o uso das ferramentas e as possibilidades de *interface* a favor do desenvolvimento educacional, Kensky, (2007). Na verdade, já é possível admitir que os alunos aprendem e desenvolvem inúmeras competências ao lidar com as novas tecnologias exercendo a colaboração, interação e comunicação em múltiplas formas de produzir informações, conhecimentos e saberes (MORAN, 2000)

Assim, a partir da experiência de três professores com a docência e gestão, e de uma diálogo com alguns autores da sociologia e da educação, pretendemos trazer elementos para a problematização dos conflitos na perspectiva da integração das redes sociais na escola. Dessa forma, entendemos que não há mais espaço para a proibição pura e simples destes recursos, sem avaliar, de fato, as suas implicações, vantagens e

desvantagens, seus limites e possibilidades sob pena de causarmos sérios prejuízos ao processo de socialização dos nossos estudantes e, por conseguinte, as vivências com outras formas de aprender.

Os indivíduos, as redes sociais e a escola

As principais representações da sociologia francesa sobre escola pautam-se nas seguintes crenças: a escola é uma intuição e possui uma cultura de “ajustamento” em que estão imbricadas uma “harmonização” das posições, assim como a subjetividade dos indivíduos e funções objetivadas. Enquanto instituição, é a escola, um espaço de reprodução, principalmente de mentes obedientes. Assim, a multiplicidade dar-se-á pelo produto do trabalho dos atores, pois indivíduos e sistema são autônomos. Frente a essas representações do conceito de socialização analisadas por Dubet e Martuccelli (2005), a constatação é de que, como afirmam os autores, não se discute a natureza social da escola.

Observa-se que as escolas, em seu poder hierárquico institucional, ainda não se deu conta da complexidade que é o processo de socialização dos indivíduos. E, por não ter se dado conta da sua natureza social, considerando-se, ainda que seja responsável por parte da construção das imagens referenciais do “eu e do nós” na formação dos jovens, já vem sendo questionada, em um contexto de redes, em que também os estudantes circulam em práticas sociais diversas.

Há um encontro de gerações dentro da escola, mas ela nunca se deu conta. Se o fez, desconsiderou suas reais implicações para os sentidos de pensar com as novas gerações. Tanto assim, que o nível de conflito entre estudantes com a escola, como um todo e, mais especificamente, dentro da sala de aula, ampliou-se e abriu um abismo nas relações interpessoais, seja em razão do não entendimento sobre as diferenças culturais, seja pela invisibilidade com que a estudante em sua condição de jovem é ignorado.

Na perspectiva de Simmel (1964), o conflito modifica grupos de interesses, mas paradoxalmente, pode ser uma forma de “sociação”, e destina-se a resolver dualismos divergentes, unidade que pode aniquilar uma das partes. A indiferença pode implicar em rejeição ou dissociação no âmbito da sociologia, quando ela tem por fenômenos essenciais de estudo indivíduos e a sociedade. Neste sentido, o conflito é independente, pois implica na negação da unidade. Indaga-se: Como as escolas de ensino médio estão enfrentando os conflitos, como elemento inerente das relações sociais sem aniquilar os jovens?

Observamos cotidianamente, que a escola apresenta dificuldades em se abrir ao diálogo, considerando aqui as reflexões postas pelos autores sobre a socialização dos

indivíduos no atual contexto. Talvez, a dificuldade de a escola dialogar e “negociar” com os jovens outras formas de viver e significar a escola, centre-se na ideia do pensamento democrático controlado, em que as instituições continuam a desvalorizar os sujeitos como atores sociais na construção do seu processo de individuação (DUBET, MARTUCCELLI, 2005).

“Eu caio na rede, não tem quem não caia!” (LENINE,1999)

Vive-se um contexto marcadamente movimentado pela intensa produção de informações, o que nos remete a pensar que uma alta complexidade nas formas de ser, estar, pensar e expressar, precisam agora ser vistas na perspectiva de uma sociedade altamente diversa, com realidades que transcendem as fronteiras geográficas desterritorializando modos de viver, para compreender o mundo e, sobretudo, atuar sobre ele individual e coletivamente. O sociólogo francês Pierre Levy (1999) em sua obra *Cibercultura*, explica-nos uma série de conceitos emergentes no século XX e XXI, como *virtual*, *real*, *economia do saber*, *hipertexto*, *interatividade*, *inteligência coletiva*, dentre outros, que continuam sendo ressignificados, através de intensas e singulares práticas sociais. Tais práticas sociais, são cada vez mais ampliadas no ciberespaço, quando as ferramentas atualizadas pela inteligência coletiva em rede, mobilizam uma avalanche de novas possibilidades comunicacionais, que implicam a olhar outras dimensões sobre a condição humana, desde o culto do privativo à urgência da ressignificação da vida coletiva.

As tecnologias fortalecem os sistemas de gestão e abriam portas para situações incontáveis, como a de controle, já anunciado por Mannheim (1961) e/ou manipulação, porque oferecem novas ferramentas, instrumentos que nos permite produzir a imagem a partir da qual desejamos ser vistos, portanto fabricamos as “verdades” que nos são convenientes. O tempo que vivemos carece de uma democracia que supere a hierarquia, o controle pela representação. E, isso implica pensar novos papéis sociais, a formação dos sujeitos, o eu na construção da identidade e o processo de constituição dos indivíduos, na perspectiva do que sugere Martuccelli (2007) nas dimensões da gramática do indivíduo. Esta perspectiva visibiliza o processo de constituição de um indivíduo que não é dono de si, porque para superar as inúmeras *pruebas* (provações) que a sua trajetória o implica, exercerá vários papéis, se valerá de suportes, “bricolará” sua identidade, insistirá no cuidado pelo respeito e, sobretudo, expressará que sua subjetividade não se descola dos contextos. Para Martuccelli (2007), a perspectiva da gramática do indivíduo permite visualizá-lo sob outras dimensões as quais estabelece um panorama multifacetado, que contrapõem as representações clássicas sociológicas de um sujeito que é dono de si. E,

por assim entender, propõe o processo de constituição do indivíduo via cinco gramáticas: suporte, respeito, papéis, subjetividade e identidade.

Segundo ainda o autor a rede, círculos e vínculos constituem suportes, considerando que o indivíduo não é soberano de si, pois para enfrentar as *pruebas* que a vida lhe suscita ele estabelece relações de sociabilidade formais e informais. Isto implica em criar um círculo em torno de si que lhes dê condições de tocar a vida. Desta forma, pauta-se o sentido de rede na constituição do processo de individuação dos indivíduos, refletindo sobre a escola e suas práticas de socialização e integração social.

Observa-se que há toda uma discussão social, política e cultural para se pensar a questão das redes sociais na escola. Como bem esclarece os autores supracitados, rede é lugar de relações, de poder, de produção econômica e de um imenso capital social. Então, proibir ou liberar não é a tônica, mas sim buscar explicações sobre como a escola ainda não compreende com quem os jovens estão dialogando e, por que ela não está incluída no círculo de relações nessas redes. Por que insistir em um modelo de sujeito social que não mais aprende somente a partir da escola?

Para muitos alunos a escola pode constituir uma rede onde pode acessar internet através do ciclo de amigos, pode ainda implicar na constituição da ideia de um “eu ou nós” e ainda um suporte para continuar frequentando a escola. Frente a este fato, entendemos que a escola para compreender e articular na sua práxis o sentido de formação, precisa compreender aquilo que Elias (1994 tradução brasileira), define como relações sociais em rede complexas que constitui o cerne das sociedades contemporâneas. Ele diz:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (ELIAS, 1994, p. 25)

Observa-se que o autor já pauta a ideia de rede de pessoas, em que os sujeitos estão implicados pressupondo conhecer os elementos de sua interação, interlocução e de relações recíprocas em que estão inseridos. E, não seria demasiado dizer, que as pessoas hoje em rede (LEVY, 1999), também estão integradas por uma construção coletiva (inteligência coletiva) do conhecimento, modos de pensar, ser, estar, comunicar e se expressar, tanto nas dimensões do público, quanto do privado.

Como Dubet (1997) pressupomos que as nossas experiências marcam nossa individualidade, e que não é somente as instituições que socializam os sujeitos, contrapondo a ideia de desaparecimento da tradição. Então para Dubet, a sociedade se reinventa, atualiza os conceitos pelas ações de seus atores que se valem de diferentes lógicas na construção de sua experiência social. E, para isso, instaura novos modos de agir, de buscar soluções para os problemas sociais, ou seja, readaptam-se, de modo que em sociedade os atores podem desempenhar muitos papéis ou agregar “máscaras” distintas. Desta forma, são as ações sociais dos indivíduos que organizam a vida nas interações e nas auto avaliações de si, e das lógicas que se colocam no seu contexto.

Assim, se o conflito entre gerações está instituído, como a escola tem se mantido enquanto instituição formadora? Qual o sentido de “fechar” os olhos para as diferenças culturais, sociais e econômicas inerentes a seu público educativo? Se os jovens estudantes estão buscando estratégias e lógicas de integração (DUBET, 1997) na realidade social excludente e meritocracia em que vivem, então quais negociações está propondo para sentir-se pertencer a um determinado coletivo? Efetivamente, com quais lógicas competem, se integram e modificam sua subjetividade social? Seria a escola um adversário?

Então os jovens do ensino médio querem ser vistos nas redes e para isso, talvez o real tempo que tenham seja na escola mesmo. Se a escola se afirma democrática, quando irá dialogar com aqueles para quem ela é destinada? O choque de gerações⁶ está posto. E, considerando que um indivíduo não vive sem o outro, se constitui no em sendo do processo de subjetivação e ampliação do seu sentimento de pertença, a experiência social é construída, portanto, por seus atores. É a escola um desse espaço por excelência.

O processo de superação das *pruebas* relaciona-se com os suporte que podem estar no âmbito da família, trabalho, religião e escola, ou seja, diferentes espaços e instituições em que circundam os estudantes da escola pública, que estão também em rede *online*. Uma provocação para a escola não seria compreender as redes com que se articulam? Quais conflitos pessoais, familiares, sociais e políticos vivem? Se esta não é uma possibilidade, tão pouco valerá o regimento escolar para manter a hierarquia e não o entendimento do que as gerações estão vivendo e para quais projetos direcionam seus interesses coletivos e individuais.

“Saí” da aula e “entrei” no *Whatsapp*

⁶ (MANNHEIM, 1961)

De um modo geral, um dos grandes desafios da escola tem sido conviver com o mundo fora dela. As últimas décadas têm sido marcadas por um discurso de inconformismo e de saudosismo que claramente precisa ser superado. Vejamos por exemplo, as décadas de 80 e 90, quando a TV ditava as regras e a comunidade escolar não conseguia acompanhar seu ritmo.

As leituras e tarefas escolares perdiam espaço para os programas televisivos que eram produzidos especialmente para as crianças e adolescentes e o quintal, as ruas, os livros e gibis foram, sumariamente, substituídos pelo aparelho televisivo. A escola, pega de surpresa, não tinha forças para se adequar ao novo “mundo pop” que se abriu a partir de seus portões. Com o rádio, revistas e jornais a briga era mais fácil, mas agora, com o apelo de som, imagens e personagens marcantes, parece que a briga ficou desigual.

Desta forma, de um lado ficava a comunidade escolar e a sociedade e do outro os indivíduos escolares, numa constante batalha. Neste aspecto, podemos considerar o que Elias diz em **A Sociedade dos Indivíduos**, quando alerta que:

"Fala-se de "indivíduos" e "sociedade" da mesma maneira que se fala de sal e pimenta ou de pai e mãe..." "Do mesmo modo como antigamente as pessoas usavam fórmulas mágicas para curarem doenças cujas causas ainda não conseguiam explicar por um diagnóstico que correspondesse à verdade factual, servimo-nos hoje muito frequentemente de doutrinas mágicas como meio para a solução de problemas humano-sociais, sem anteriormente ... nos termos esforçado por obter um diagnóstico. E palavras tais como "indivíduo" e "sociedade", enquanto símbolos e senhas, desempenham nessas doutrinas um papel muito importante."(ELIAS, 1994, p. 108)

Os anos 2000 chegam carregados de novidades e mais uma vez coloca em cheque a soberania da escola. Os computadores e telefones portáteis tornam-se bens acessíveis e numa velocidade vertiginosa, indispensáveis; a era das tecnologias chegou com força e veio carregada de novidades, a principal delas, sem dúvidas, a internet. A princípio, o controle sobre ela era fácil, pois apenas nos laboratórios de informática, onde poucos computadores conectados à rede estavam disponíveis, era possível “navegar”. Mas, isso não durou muito tempo e logo os *modems* deram lugar ao cabo, posteriormente ao *wi-fi*, rádio, 3G ... e a escola não conseguiu acompanhar.

A sociedade moderna via-se obrigada a adaptar-se às novas maneiras de relacionar-se e comunicar-se. O conceito de individualidade começa a mudar e dentro dos muros das escolas essa confusão ficou ainda mais clara. Não era mais possível dissociar os alunos do mundo exterior, dos grupos sociais onde ele estava inserido, como sugere Elias:

No grupo social é assim: não há separação entre indivíduo e sociedade. Tudo deve ser entendido de acordo com o contexto; caso contrário, perdem-se a dinâmica da realidade e o poder de entendimento. (ELIAS, 1994, p. 105).

A sociedade do novo milênio, que no século passado buscava outros planetas, outras dimensões, começa a conviver com a possibilidade de criar uma nova existência num mundo virtual. Neste novo mundo que se desvela, a sociedade encontrou campo fértil para “crescer e multiplicar”. Isso porque Ela (a sociedade) só existe porque existe grande número de pessoas; só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e, no entanto, sua estrutura e suas transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa particular (ELIAS, 1994). Assim, seres humanos virtuais, começam a surgir e um fenômeno chamado Redes Sociais, ganha proporções inimagináveis.

Junto com a evolução da internet, a galope, os aparelhos de telefonia e os computadores portáteis também evoluíram e se tornaram cada vez mais acessíveis. O que no início do novo milênio era artigo de luxo, em apenas uma década se popularizou e invadiu os pátios das escolas e salas de aula.

“Qual é a senha do *wi-fi*?”

Pergunta frequente, que muitas vezes tem sua resposta negada, em grande parte das escolas. Mas, isso não tem sido o bastante para evitar que os *smartphones* sejam desligados ou esquecidos durante as aulas. A concorrência parece injusta, pois, enquanto o professor teima em utilizar as metodologias tradicionais, o aparelhinho oferece inúmeras possibilidades.

Junto com a rede sem fio de *internet*, vários programas chamados de “aplicativos”, dão diversas utilidades ao neto do telefone. Pode ser um videogame, um rádio, uma TV, um PC, uma câmera de vídeo. Faz e “trata” fotografias de maneira instantânea e o que é melhor, você pode mostrar isso tudo aos seus amigos no mesmo segundo em que fez o *click*.

Por falar em amigos, isso é algo que também sofreu enormes mudanças: enquanto que na sala, em frente ao professor, o estudante se encontra rodeado por pouco mais de duas dezenas de colegas, através de seu *smartphone* ele se conecta, literalmente, com o mundo. Aplicativos “de conversa *on-line* e sites de relacionamentos, a exemplo do *whatsapp* e do *facebook*, multiplica aos milhões a quantidade de amigos e os espaços onde se pode estar ao mesmo tempo. Isso pode multiplicar os espaços, os papéis e até as identidades dos indivíduos.

Para Martuccelli (2007), na realidade, não existe uma compreensão da identidade no estado presente, pelo fato dela prosseguir em grande parte da crescente dissociação entre papel e identidade. A identidade é a articulação de uma história pessoal e uma tradição social e cultural, uma e outra não param de crescer ao longo de nossa existência. A identidade não pode, portanto, reduzir uma relação com uma classe, uma comunidade, um sexo, uma geração. É a garantia, pela sua estabilidade e sua semelhança com os outros, um sentimento de pertença social. No mundo virtual, os jovens costumam assumir uma personalidade fragmentada onde podem ser “montadas” diversas identidades com diversos papéis diferentes. Essa vida paralela, por vezes subtrai o aluno da sala de aula, que mesmo estando ali fisicamente, seus “outros seus” surfam nas ondas do “grande mar digital”.

Enquanto o professor escreve ao quadro, faz uma projeção ou tentar iniciar uma discussão sobre determinado tema, com um comando de voz, o aluno já encontra em um site de busca um vasto conteúdo referente ao assunto. O conhecimento não é mais “exclusividade” do professor. Está ali, ao toque dos dedos ou ao comando da voz, literalmente em suas mãos.

O mundo está cada vez mais veloz e essa nova geração se encarrega de acelerá-lo ainda mais. Em 1996, o cantor baiano, Gilberto Gil, já avisava numa canção: *“Eu quero entrar na rede/ Promover um debate/ Juntar via Internet/ Um grupo de tietes de Connecticut...”* O que há vinte anos parecia algo raro, hoje se prolifera de maneira instantânea através de aplicativos que reúne centenas de pessoas num mesmo grupo que podem discutir diferentes temas, possibilitando que todos opinem, argumentem e decidam.

Embora as redes possuam todas essas possibilidades, Bauman (2001), lembra que as redes sociais podem ser também uma armadilha. Nelas, tudo parece mais fácil e menos factível. O distanciamento das relações físicas se contrapõe a intimidade das relações virtuais. O tempo das redes sociais é um tempo diferente do cotidiano das escolas. A qualquer momento algo urgente pode acontecer, e é necessário responder, curtir, mandar um *emoji*, ou simplesmente compartilhar o fato, a foto, ou uma frase.

Os grupos de conversa do *whatsapp* deixam os *smartphones* em “frenesi”, e seus usuários precisam assumir seus papéis e reagir aos mais diversos assuntos que surgem instantaneamente. Quando conectados à rede, os jovens quase sempre mergulham em confessionários eletrônicos portáteis, agindo como aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional - uma sociedade notória por transformar o ato de expor publicamente o privado, numa virtude e num dever público. (BAUMAN, 2001)

O vibrar do Celular ou o seu tilintar, é muitas vezes visto como um chamado urgente e inadiável. Mais importante que qualquer assunto, qualquer explicação ou qualquer cena de filme.

E, enquanto isso na sala de aula, tudo isso está acontecendo também. O problema é que na maioria das vezes, acontece de forma “clandestina”, de forma paralela a aula e à revelia da vontade do professor. O mundo virtual não tem fronteiras e os jovens são seus principais habitantes. Neste mundo é proibido ficar invisível, esquecido, silencioso, inoperante. Os alunos, mais do que ninguém sabem que, a invisibilidade nas redes sociais equivale à morte (BAUMAN, 2001).

Vivemos em tempos líquidos, onde nada é para durar. Enquanto os colegas de sala elencam mil razões para não aceitar alguém, no *facebook*, por exemplo, você pode colecionar milhares de amizades e ter um sem número de seguidores e admiradores. Em outras redes sociais o estudante pode criar um “perfil” e a partir dele criar relações amorosas, opinar sobre os mais diversos assuntos, ser inclusive aluno em um curso virtual.

A escola, a passos de formiga, tenta se aproximar, se incluir neste mundo moderno. Ela tenta deixar de ser arcaica. Mas nesta tentativa, comete erros através da censura e da proibição do uso dos aparelhos de *smartphone* e das redes sociais em suas salas de aula. De forma paradoxal, ela, a escola, tenta formar o aluno para um mundo que ela já não consegue acompanhar e que por vezes tenta negá-lo. A escola não consegue compreender a liquidez do mundo moderno. Está presa em suas carteiras e salas que repetem o modelo do século XIX, até na maneira como ficam dispostas. O mundo e a sociedade se dissolvem, enquanto a escola teima em manter-se sólida.

“Dissolver tudo que é sólido” tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna desde o princípio; mas hoje, ao contrário de ontem, as formas dissolvidas não devem ser substituídas (e não o são) por outras formas sólidas – consideradas “aperfeiçoadas” (BAUMAN, 2013, p. 16) no sentido de serem até mais sólidas e “permanentes” que as anteriores, e portanto até mais resistências à liquefação. No lugar de formas derretidas, e, portanto inconstantes, surgem outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e portanto, também inconstantes.

Não se pode ter uma escola *Off* enquanto os alunos estão *On*. Não se pode ter alunos *Off*, numa sociedade completamente *On*. É necessária uma urgente conexão entre os sujeitos desta rede. A escola, inevitavelmente, deverá pegar *um barco que veleje nesse informar e que aproveite a vazante da informaré!* (Gilberto Gil, 1996)

Inevitavelmente, teremos que enfrentar e resolver este conflito das redes sociais dentro das salas de aula. Compreender a estrutura da sala de aula física, como as salas dos grupos virtuais, talvez seja uma possibilidade. Nestas salas virtuais, a hierarquia nos

grupos é algo sutil. Existem regras que devem ser observadas e de forma indireta, todos são administradores (gestores) daquele espaço de convivência. A informação que um membro do grupo apresenta, imediatamente é apreciada por todos, analisada, respondida e comentada. Há liberdade para falar ou ficar calado; concordar ou discordar; posicionar-se; apresentar argumentos, interpor informações. Talvez, a dinâmica dos grupos nas redes sociais, seja realmente o que almeja a escola, os gestores e os professores como suporte para a fluidez do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, P.C.; BOTTENTUIT JÚNIOR, J.B. **O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia**. *Temática*. 11(2): 1-13, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro:

BAUMAN, Zygmunt. *A Cultura no Mundo Líquido Moderno*. 1ª edição. Ed. ZAHAR em associação com o National Audiovisual Institute, NInA, Polônia. 2013. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. p.16

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges).

DUBET, F. ***Sociologie de l'expérience***. Paris: Seul, 1997.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. **A socialização e a formação escolar**. *Lua Nova*, São Paulo, n. 40-41, p. 241-266, Aug. 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso. 25 ag. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451997000200011>.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994 [1939].

GIL, Gilberto. **Pela internet**, Álbum - Quanta, Phillips Record, 1996.

JAMESON, Fredric. **A Cultura do Dinheiro**. Petrópolis: Vozes: 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP, Papyrus 3ª ed, 2007.

LAHIRE, B. **Cultura dos Indivíduos**, PA: *Artmed*, 2007.

LEMOIS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia Planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LENINE, **A Rede**, Album - Na Pressão, Sony BMG. 1999

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005 a.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MANNHEIM, Karl. **O problema da juventude na sociedade moderna**. In: _____. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961, p. 36-61.

MARQUES & AREIAS. Helena, Ana Paula. « **Redes e reconfiguração organizacional: o contributo de Norbert Elias** », *Configurações* [Online], 9 | 2012, posto online no dia 27 Novembro 2013, consultado: 26 agosto 2017. URL: <http://configuracoes.revues.org/1101>; DOI: 10.4000/configuracoes.1101.

MARTUCCELLI, D. **Gramáticas Del Individuo**. 1ª Ed. Buenos Aires: Losada, 5004 p; 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

NERI, J.H.P. **Mídias sociais em escolas: uso do Whatsapp como ferramenta pedagógica no ensino médio**. Estação Científica. n. 14, 2015.

OLIVEIRA, M. R. S. **Mobile Learning e ação docente: o celular em sala de aula**. Simpósio Internacional de Educação à Distância. 2014.

SABOIA, J.; VARGAS, P.L; VIVA, M.A.A. **O uso dos dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem no meio virtual**. Revista Cesuca Virtual: Conhecimento Sem Fronteiras. 1(1):1-13, 2013.

SANTOS, Boaventura S. **Para uma pedagogia do conflito**. In: Silva, L.H. et al (Org.) *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 4ª Edição, 2006.

SIMMEL, Georg. **O conflito como sociação**. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30, pp. 568-573, dez 2011 (1964). ISSN 1676- 8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.htm>.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis, R.J, Vozes, 2009. Zahar, 2001.